

APRESENTAÇÃO

Em sua 5ª edição, a Hatari! Revista de Cinema propõe uma série de reflexões acerca do gênero da ficção científica no cinema, explorando diferentes épocas e formatos. Iniciamos em 1902, com o pioneiro *Viagem à Lua*, de George Méliès, em um texto de Gabriele Maria, que se volta para uma exibição do filme a crianças de 5 anos em que, para elas, pouco importa os limites entre ficção e científico, entre o cinema e o real. Em “Welcome to the Twilight Zone”, segundo texto da revista, Gabriela Quadros explora alguns episódios da série *Além da Imaginação* (1959-1964) para concluir que, assim como as crianças que viram *Viagem à Lua*, a ficção científica da série passa longe de se interessar de fato pela ciência, para se interessar naquilo que é inerente à condição humana, do seu contexto histórico e de vivência, do seu medo e da solidão, da bondade e da violência. Inclusive, sobre violência e humanidade Mario Bava, em *Planeta dos Vampiros* (1965), disserta bem, e Lucas Jeison nos atenta para a necessidade que é o filme de Bava em tempos nos quais a mesma violência parece se repetir.

Já Pedro Favaro faz uma reflexão acerca do filme *The Bed Sitting Room* (1969), uma comédia britânica de Richard Lester e das suas entrelinhas - ou camadas - que fogem da argumentação meramente sociológica dos filmes pós-apocalípticos e vai para o que é simplesmente, mais uma vez, humano. A busca pela própria humanidade em sociedades distópicas é, na verdade, assunto recorrente no gênero de ficção científica. Renan Turci analisa dois filmes de Terry Gilliam, *Brazil: O Filme* (1976) e *Teorema Zero* (2013), que, embora com 37 anos de diferença, tratam da mesma preocupação em contextos diferentes: a relação homem e máquina enquanto uma ansiedade dos anos 70 e as sequelas dessa relação intensificada nos anos 2000.

Dialogando com essa paranoia acerca da tecnologia e o consequente pânico em torno da perda de identidade, Yasmin Rahmeier se aprofunda no cinema de David Cronenberg, sobretudo em *A Mosca* (1986), para refletir sobre a separação entre corpo e mente e reconhecer, nos filmes de Cronenberg, o corpo como uma identidade humana em busca de aceitação. Os filmes cyberpunks *Blade Runner* (Ridley Scott,

1982) e *Ghost in the Shell* (Mamoru Oshii, 1995), analisados por mim nesta edição, também refletem sobre a separação (que, nesses dois casos, é confusa e turva) entre corpo e mente e a perda de identidade, levando a questões profundamente filosóficas e paranoicas acerca dos conceitos de existir, de sentir e de ser humano em um universo onde a linha entre o que é real e virtual é quase inexistente. Camila Sailer investiga em seu texto o mesmo tipo de universo em uma comparação entre os filmes *Abre Los Ojos* (Alejandro Amenábar, 1997) e o remake (ou remix?) *Vanilla Sky* (Cameron Crowe, 2001).

Para finalizar, os três últimos textos da revista trabalham com uma questão essencial para a ficção científica: o tempo. Enquanto Matheus Borges analisa a viagem no tempo e suas complexidades na narrativa de *Donnie Darko* (Richard Kelly, 2011), Leonardo Otto aponta as suas consequências em *Primer* (Shane Carruth, 2004). Por último, Michel Urânia também reflete sobre o tempo, mas em forma de memória, no filme brasileiro *Branco Sai, Preto Fica* (Adirley Queirós, 2014).

Por Hanna Esperança